

FONTE : JB

CLASS. : 229

DATA : 27 08 86

PG. : 4

A herança de Chico Mendes

Mulheres brigam na Justiça pelo dinheiro verde

Ronaldo Brasiense

BRASÍLIA — Um processo por difamação amparado em dezenas de recibos de depósito bancário e ordens de pagamento ameaça despençar nos próximos dias sobre a viúva de Chico Mendes, Ilzamar Mendes, que garante jamais ter recebido qualquer recurso de fundações e associações ambientalistas internacionais depois da morte do líder seringueiro, exceto os direitos autorais de um filme. A presidente do Instituto de Estudos Amazônicos (IEA), de Curitiba, Mary Allegretti, vencedora este ano do prêmio Global 500 da Organização das Nações Unidas (ONU), promete abrir processo porque se considera difamada pela viúva de Chico Mendes, que a acusou, em entrevista ao JORNAL DO BRASIL, de estar enriquecendo às custas de dinheiro remetido à família de Chico Mendes.

“É um absurdo o que Ilzamar está fazendo”, diz Mary Allegretti, uma das pessoas mais próximas de Chico Mendes e hoje inimiga de sua viúva. Mary diz possuir documentos que desmentem Ilzamar, como uma ordem de pagamento emitida no dia 4 de janeiro do ano passado, no valor de Cr\$ 1,2 milhão, para que ela comprasse uma nova casa em Xapuri. “A casa foi comprada e é onde ela mora atualmente”, afirma a presidente do IEA.

Mary Alegretti revela ainda que no dia 16 de maio de 1989 repassou a Ilzamar um depósito no valor de NCz\$ 13,1 mil, equivalentes a US\$ 5 mil, pelo câmbio da época — doação da Better World Society para a Fundação Chico Mendes. “Ilzamar, por solicitação minha e de outras pessoas, continua recebendo uma bolsa mensal de US\$ 800 da Fundação Ashoka, que havia escolhido Chico Mendes como bolsista”, afirma a ecologista. “A Fundação Ashoka transferiu a bolsa para Ilzamar, abrindo uma exceção na Fundação, que não costuma

apoiar herdeiros”, emendou, garantindo que os três primeiros meses da bolsa, no valor de US\$ 2,4 mil, foram entregues por ela a Ilzamar na inauguração do Memorial Chico Mendes, em Curitiba. “As demais contribuições foram encaminhadas diretamente pela Ashoka, até setembro de 1989, totalizando US\$ 7,2 mil”, completa.

Alegando que contribuía com dinheiro para Ilzamar mesmo antes do assassinato do marido, a presidente do IEA apresenta ainda recibos assinados por Chico Mendes. “Sei que o Chico destinou esses recursos para comprar a casa onde morava em Xapuri com sua família quando foi assassinado”, garante, exibindo também nota fiscal de 1º de fevereiro de 89, em nome dela, referente à compra de duas bicicletas. Segundo Mary, a compra foi destinada aos filhos de Chico Mendes, cumprindo promessa que ele havia feito às crianças como presente de Natal. Chico Mendes foi assassinado às vésperas do Natal de 1988.

Sasakawa — Acusada por Ilzamar Mendes de ter representado Chico Mendes na entrega do Prêmio Sasakawa, no México, sem autorização da família, Mary Allegretti alega que foi convidada diretamente pela Fundação Sasakawa, do Japão, recebendo o prêmio em nome do Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) e dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais de Xapuri e Brasília. “Eu estava no México para a cerimônia de entrega do Prêmio Global 500 e fiquei muito orgulhosa por ter recebido o Prêmio Sasakawa em nome dos companheiros do CNS”, diz ela, apresentando documento enviado pela secretária do Comitê de Seleção da Fundação Sasakawa, Elizabeth Muchira.

Sem esconder sua frustração com as duras acusações de Ilzamar Mendes, Mary Allegretti admite que a Fundação Chico Mendes, criada logo após o assassinato do líder ecologista, em dezembro de 1988, está sendo desvirtuada, de fato, mas atribui a responsabilidade à própria Ilzamar. “A Fundação Chico Mendes virou coisa de família”, denuncia. Ela defende a ambientalista Barbara Bamble, da National Wildlife Federation (NWF), maior organização ecológica não-governamental dos Estados Unidos, e Steve Schwartzman,

diretor da Environmental Defense Fund (EDF), também dos EUA, acusados por Ilzamar de estarem embolsando recursos destinados à Fundação Chico Mendes.

“A Ilzamar perdeu a noção das coisas e está inventando tudo isso”, acusou. Mary alega que as entidades ambientalistas internacionais têm toda razão quando destinam recursos obtidos no exterior para entidades como o Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS) e os sindicatos de Trabalhadores Rurais de Xapuri e Brasília, criados com o incentivo de Chico Mendes. “As organizações não-governamentais dos Estados Unidos obtêm doações para entidades que defendem uma causa, executam trabalhos para preservação do meio ambiente e não para destinar a pessoas”, disse Mary Allegretti.

Legitimidade — “Ilzamar está tentando tirar a legitimidade de um trabalho sério que estamos executando há anos junto aos seringueiros do Acre”, disse Mary. A entidade que preside firmou convênio com o Iama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis) para acelerar a criação de novas reservas extrativistas na Amazônia — o sonho de Chico Mendes — numa área de 25 milhões de hectares.

Outra questão que divite as duas mulheres é o contrato assinado por Ilzamar com a J.N. Filmes, que adquiriu os direitos de filmagem da vida de Chico Mendes e depois os repassou direitos a um produtor norte-americano. “A Ilzamar fez um contrato com a J.N. Filmes com base num nacionalismo exacerbado. Ela não enxerga o que está acontecendo à sua frente”, acusou Mary. “A J.N. Filmes repassou aqueles direitos para um produtor americano que já havia manifestado interesse, recebendo grande soma apenas para servir de intermediária na negociação.”

A presidente do IEA promete apresentar à Justiça todas as provas de que Ilzamar Mendes recebeu recursos do exterior destinados à Fundação Chico Mendes e desmascarar a “negociação esdrúxula” que teria havido entre a J.N. Filmes e produtores norte-americanos para a filmagem da vida do líder seringueiro.